

## “Viva o Choro!”: Projeto de Extensão Roda de Choro da UFSCar

### Comunicação

#### GTE 13 – Ensino Superior de Música

*Fernando Stanzione Galizia*  
*Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)*  
*fernandogalizia@ufscar.br*

**Resumo:** O texto objetiva relatar um projeto de extensão em andamento intitulado “Roda de Choro da UFSCar”. Iniciado no segundo semestre de 2023, tem como objetivos: difundir a cultura brasileira por meio do gênero musical choro; gerar aprendizado musical sobre choro; gerar bem-estar e promover igualdade entre os participantes. O projeto realiza rodas de choro semanais em espaços diversos da cidade, incluindo o campus da Universidade Federal de São Carlos. Os participantes são pessoas da comunidade externa e interna à Universidade, e se dá de duas formas: como audiência ou como músicos da roda. O relato demonstra que o projeto possibilita a difusão da cultura brasileira por meio do gênero musical choro, considerado Patrimônio Cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Conclui-se também que o projeto possibilita gerar aprendizado musical nos participantes, principalmente por meio de processos não-formais, complementados por estudos individuais e/ou aulas especializadas. Percebe-se ainda que o projeto gera bem-estar e promove igualdade entre os participantes, a partir da “didatização” da roda. Assim, ele promove impactos culturais, pedagógicos e sociais. Por fim, ressalta-se a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no projeto.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Roda de Choro; Educação Não-Formal.

### Introdução

Este texto tem como objetivo relatar um projeto de extensão em andamento intitulado “Roda de Choro da UFSCar”. O texto está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, descrevemos sucintamente seu funcionamento, como periodicidade, participantes, pressupostos e objetivos. As seções subsequentes são dedicadas, cada uma, aos objetivos do projeto. Após elas, trazemos mais duas subseções: uma sobre a possibilidade de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no projeto e outra abordando seu impacto para os participantes. Nas considerações finais, ressaltamos a importância dos projetos que oferecem possibilidades de ensino de música em outros contextos educativos

como, por exemplo, Rodas de Choro, para universidades e, especialmente, cursos de graduação em Música – bacharelados e licenciaturas.

## Descrição do Projeto

O projeto foi iniciado no segundo semestre de 2023, e tem como objetivos: difundir a cultura brasileira por meio do gênero musical choro; gerar aprendizado musical sobre choro; gerar bem-estar nos participantes; e promover igualdade entre os participantes.

O projeto realiza rodas de choro, gênero musical Brasileiro, semanalmente às quartas-feiras, das 19h30 às 21h30, em espaços diversos da cidade de São Carlos, incluindo o campus da Universidade Federal de São Carlos. Podem participar pessoas da comunidade externa e interna à Universidade de duas formas: 1. apreciando as músicas (como audiência) e participando dos momentos de socialização e aprendizado; 2. tocando algum instrumento na roda (como músico). Nesse segundo caso, é necessário que saibam tocar algum instrumento musical - percussivo, harmônico ou melódico.

Além do fazer musical, há momentos de aprendizado, que ocorrem de duas formas: na troca espontânea e observação de pessoas mais experientes no gênero musical; ou em momentos de fala pedagógica - pequenas falas a cargo da equipe de trabalho e que visam gerar aprendizado em algum aspecto relativo ao gênero (envolvem questões estilísticas, históricas ou técnicas). Os participantes que tocam nas rodas podem indicar as músicas, de forma que o repertório é construído coletivamente. O logo do projeto, feito por uma designer da cidade, tenta passar essa ideia de fazer coletivo, como se pode ver a seguir:

**Figura 1:** Logo do Projeto Roda de Choro da UFSCar



Fonte: o autor.

Como dito, as rodas ocorrem semanalmente em locais diversos da cidade, incluindo o campus da Universidade. Os espaços externos advêm de parcerias firmadas com bares, lanchonetes e outros espaços pertinentes. As praças e parques da cidade também são locais de realização das rodas.

Sobre os participantes, não é possível estimar quantos são impactados pelo projeto quando assistem à roda. Isso porque ocorre o fenômeno de “conjunto de círculos concêntricos” descrito por Lara Filho, Silva e Freire (2011): no primeiro “círculo” ficam os músicos tocando, em roda (geralmente em volta de uma mesa); no segundo os mais interessados pela música (conhecedores desse universo musical) ou pelos músicos (participantes do ambiente de relações pessoais dos músicos); e após isso ficam os frequentadores do ambiente musical, algumas vezes usufruindo da música como ambientação. Os autores ressaltam que, muitas vezes, essa classificação circular não é observada, e as pessoas se misturam constantemente. Porém, para efeito de entendimento, é interessante notar que há dois “níveis” de pessoas sendo beneficiadas pelo projeto aqui relatado: aquelas que estão tocando e um segundo grupo, próximo à roda, ouvindo as músicas e as falas entre elas.

Sobre os participantes do projeto que tocam, estes se inscreveram no início por meio de um formulário do *Google Docs*<sup>1</sup>. Assim, participando nas rodas tocando, temos em torno de 15 participantes ativos e mais de 30 inscritos. Dos que tem participado ativamente, há docentes, discentes de graduação e discentes de pós-graduação da Universidade, além de membros da comunidade externa. Não há técnicos da universidade participando. Os instrumentos que executam são variados: violão de 6 e 7 cordas, cavaquinho, pandeiro e outros instrumentos de percussão, saxofone, clarinete, flauta transversal e sanfona.

A equipe de trabalho é composta pelo coordenador – professor da Universidade – e um aluno de Licenciatura em Música, que atua como bolsista de extensão. As atribuições do bolsista são: organização do espaço físico das rodas; transposição e organização das

---

<sup>1</sup> *Google Docs* é um pacote de aplicativos da empresa *Google*. Dentre eles, há a opção de formulário.

partituras; contato com integrantes do projeto; e execução das músicas nas rodas (o bolsista é flautista).

A gestão do projeto é feita por meio de um grupo de *whatsapp*<sup>2</sup>, onde todos podem enviar mensagens – ou seja, a comunicação não é restringida apenas para administradores enviarem comunicados. Na descrição desse grupo, para que ficasse fixo, colocou-se quatro links. O primeiro leva a uma pasta no *Google Drive* com todas as partituras do repertório executado em formato PDF. Como já dito, este repertório foi decidido coletivamente e essa decisão ocorreu da seguinte forma: no momento de inscrição, no formulário do *Google Docs*, os interessados e interessadas deveriam indicar três músicas que gostariam de tocar. O coordenador, então, acatou a maioria, retirando apenas músicas de extrema dificuldade de execução ou que fossem características de um instrumento específico – por exemplo, para piano solo e, assim, exigiriam reescrita em forma de melodia cifrada, característica do choro executado em rodas. Todas as músicas indicadas eram pertencentes ao gênero choro e, assim, não houve necessidade de uma triagem em termos de gênero musical. Ressalta-se ainda que são disponibilizadas as partituras de todas as músicas em Dó, Si bemol ou Mi bemol – para o caso de haver algum participante que toque instrumentos transpositores, como o saxofone – o que, de fato, acabou ocorrendo.

O segundo link contém uma *playlist* com gravações de referência das músicas do repertório. São gravações feitas por músicos expoentes do gênero, como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Altamiro Carrilho, dentre outros. Já o terceiro link leva a outra pasta no *Google Drive* com fotos de todas as rodas já realizadas. Por fim, o quarto link contém uma *playlist* com playbacks ou playalongs das músicas do repertório – são gravações disponibilizadas na internet das músicas sem a melodia, para que se possa tocar junto.

Para que se tenha uma visualização de como o projeto funciona, seguem fotos de três rodas distintas – a primeira ocorrida dentro da UFSCar, a segunda em um bar na cidade de São Carlos e a terceira em um parque na mesma cidade.

---

<sup>2</sup> “*WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet”. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>. Acesso em 24 jul. 2024.

**Figura 2:** Roda de choro realizada na UFSCar



Fonte: o autor.

**Figura 3:** Roda de choro realizada em bar de São Carlos



Fonte: o autor.

**Figura 4:** Roda de choro realizada em parque de São Carlos



Fonte: o autor.

A seguir, passaremos a relatar o projeto em função de cada um dos seus objetivos, como já mencionado.

### **Difundir a cultura brasileira por meio do gênero musical choro**

No dia 29 de fevereiro de 2024, uma quinta-feira, ocorreu a 103ª reunião ordinária do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Nela, aprovaram o registro da manifestação cultural conhecida como Choro no Livro das Formas de Expressão. Isto significa que, daquele dia em diante, o Choro é Patrimônio Cultural brasileiro. De acordo com Leandro Grass, presidente do Iphan e do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, isso significa que o Choro “passa a ser objeto da Política do Patrimônio Cultural brasileiro. Nosso compromisso agora é torná-lo ainda mais conhecido e amado, para que possa também ser um instrumento de Educação Patrimonial” (IPHAN, 2024, s/p.).

Sobre a Educação Patrimonial,

[...] constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das

referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (IPHAN, 2014, p. 19).

Portanto, o projeto Roda de Choro da UFSCar opera na lógica da Educação Patrimonial, constituindo-se como um processo educativo não formal. Nesse sentido, nas rodas, há momentos de diálogo entre os integrantes sobre elementos do gênero, como aspectos históricos, estéticos, técnico-musicais, sociais e culturais. Esses conhecimentos são, na maioria das vezes, trazidos pelos membros da equipe, mas em muitas ocasiões os demais integrantes também trazem contribuições valiosas, fruto de seu estudo pessoal sobre o estilo. Desta forma, demonstra-se que a Educação Patrimonial está ocorrendo no projeto e remete ao tema da próxima subseção.

## **Gerar aprendizado musical sobre choro**

A primeira decisão tomada pelo coordenador quando criou o projeto é que as rodas seriam didáticas, ou seja, que este não seria apenas um projeto cultural ou musical, mas também pedagógico. A ideia de rodas de choro como possibilidades metodológicas de aprendizado musical não é nova. Outros e outras docentes de IES já o fizeram, como Pereira (2019) e Veber e Clissiane (2014), dentre outros.

Como já dito, foi possível perceber nos participantes do projeto Roda de Choro da UFSCar aprendizados diversos sobre o Choro, manifestados em suas falas ou quando tocam. Esses conhecimentos, como afirma Fiorussi (2012), transcendem os aspectos técnico-musicais ou instrumentais do Choro, tais como instrumentação, harmonia, improvisos melódicos nas cordas graves do violão – as chamadas “baixarias”, ornamentações e improvisos melódicos, estilos de interpretação, formas musicais características e elementos técnicos dos instrumentos. Como afirma o autor, envolve também uma cultura do Choro, que inclui a cultura da roda, a história do choro, gestos corporais, troca de olhares, dentre outros.

Da mesma forma, Pereira (2019) também notou esses aprendizados no projeto de roda de Choro didática que analisou. Segundo o autor,

Para os integrantes do Projeto Mão na Roda, a “linguagem do choro” aproxima-se da proposta de Fiorussi (2012): a linguagem musical característica do choro é sempre destacada em análises harmônicas,

melódicas e rítmicas, bem como estruturais – frases, seções e forma musical. Contudo, os músicos também são inseridos na cultura da roda, informados pela história do choro, envolvidos em lições e diálogos musicais que se dão a partir de gestos corporais e olhares (PEREIRA, 2019, p. 96).

Comumente, o aprendizado em Rodas de Choro é caracterizado como não-formal ou informal. Porém, como aponta Pereira (2019), alguns autores que abordam a temática têm preferido outras nomeações para este processo. Sandroni (2000), por exemplo, critica a utilização da expressão “aprendizagem informal”, por esta ter uma conotação próxima a “desorganizada”, desconsiderando assim os modos pelos quais estes aprendizados ocorrem. Já Fiorussi (2012) chama os processos de aprendizagem na Roda de Choro de “não lineares”.

Neste trabalho adotaremos o entendimento de Libâneo (2005). Segundo este autor, a Educação pode ser pensada em duas dimensões, em relação à sua intencionalidade. Assim, haveria a não intencional e a intencional. A não intencional compreende apenas a educação informal mas a intencional abarca duas possibilidades: a formal e a não-formal. O que as diferencia é o nível ou grau de sistematização ou estruturação. Assim, estes dois eixos – intencionalidade e sistematização – são utilizados pelo autor para diferenciar a educação formal, não-formal e informal. O quadro a seguir, criado por nós a partir das explicações de Wille (2005, p. 41-42), sistematiza este entendimento:

**Quadro 1:** Conceitos de Educação formal, não-formal e informal de Libâneo (2005) a partir das explicações de Wille (2005, p. 41-42).

Dimensão da Educação	Subdimensão	Explicação
Educação não intencional	Educação informal	Resulta do “clima” onde os indivíduos vivem, em que faz parte tudo o que está imbuído na vida grupal e individual. São relações educativas adquiridas independentemente da consciência de suas finalidades, pois não existem metas ou objetivos preestabelecidos conscientemente. A educação informal perpassaria as modalidades de educação formal e não-formal, pois o contexto da vida social, política, econômica e social, bem como a família e a rua, também produzem efeitos educativos sem constituírem instâncias claramente institucionalizadas.
Educação intencional	Educação formal	Aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática, sendo que a educação escolar convencional seria o exemplo típico.
	Educação não-formal	aquelas atividades que possuem caráter de intencionalidade, mas pouco estruturadas e sistematizadas, onde ocorrem relações pedagógicas, mas que não estão formalizadas.

Consideramos interessante o pensamento de Libâneo (2005) porque, desta forma, o foco está no ensino e na aprendizagem e não no espaço onde estes ocorrem. Em outras palavras, o ensino e a aprendizagem não-formal e informal podem ocorrer em instituições formais de ensino, como as escolas e Universidades.

Assim, consideramos que o cerne das aprendizagens realizadas no Projeto Roda de Choro da UFSCar ocorre da forma que Libâneo (2005) denomina de não-formal, pois as atividades de ensino realizadas possuem caráter de intencionalidade, mas são pouco

estruturadas e sistematizadas. Em outras palavras, ocorrem relações pedagógicas, mas que não estão formalizadas.

Disso resulta que o aprendizado que o projeto potencializa se dá, principalmente, por meio de processos imitativos ao tocar com outros e ao ouvir outros tocarem – sejam os participantes mais experientes ou os músicos das gravações de referência. Adicionalmente, ocorrem também processos de aprendizado individuais, quando os participantes estudam o repertório fora do âmbito das rodas com vistas a ganhar aprimoramento técnico e domínio e ampliação de repertório. Também, em alguns casos, há participantes que participam de aulas especializadas de instrumento. Conclui-se, portanto, que a aprendizagem do choro no projeto se dá essencialmente nas rodas, em processos não-formais, sendo complementada por estudos individuais e/ou aulas especializadas.

Porém, em alguns casos, o processo de aprendizagem na roda se aproxima mais da formalidade. Isso ocorreu a partir de uma reflexão realizada pelo coordenador. As rodas, preferencialmente, são realizadas de forma acústica, ou seja, sem amplificação de instrumentos. Porém, em determinados locais como bares, após algumas rodas realizadas, percebemos que havia necessidade de amplificação, por conta do barulho, pois não nos ouvíamos. Assim, nesses casos, os participantes puderam optar se queriam ou não ter seu instrumento amplificado. O que acabou ocorrendo naturalmente é que aqueles e aquelas mais experientes optaram pela amplificação, enquanto os iniciantes preferiram por continuarem acústicos. Essa opção não mudou a igualdade de relação entre os participantes, mas nos suscitou a reflexão sobre a necessidade de “pilares” dentro da roda.

Esses “pilares” seriam músicos mais experientes e que conseguem realizar uma boa execução da música. Assim, eles proporcionam o modelo para o processo imitativo descrito anteriormente ocorrer. Quando um ou mais desses “pilares” não comparecem à roda, o coordenador acabou realizando processos mais próximos a uma aula coletiva heterogênea (onde há, simultaneamente, diferentes instrumentos). Assim, nesses casos, os processos de ensino e aprendizagem, de acordo com Libâneo (2005), ainda ocorrem de forma não-formal, mas a dinâmica da roda muda e ela se parece mais como uma atividade de prática de ensino. Isso representou uma enorme dificuldade para o coordenador porque, nesses casos, sua função mudava, adquirindo um papel mais atuante no sentido de ensinar. Além disso, o fato

de ser um ensino heterogêneo também representou dificuldade, pois o coordenador não domina todos os instrumentos presentes na roda.

## **Gerar bem-estar nos participantes e promover igualdade entre eles**

Uma questão que percebemos no projeto e que também é relatada na literatura levantada a respeito do tema é o medo de alguns participantes, principalmente iniciantes, fazerem parte das rodas tocando algum instrumento. Muitas pessoas vêm até o coordenador perguntar como funciona a roda, e afirmam que não têm coragem de tocar, acreditando não possuir nível suficiente para participar.

Isso pode ocorrer porque, de fato, há um histórico de músicos em rodas que cobram boas atuações musicais de todos os instrumentistas. Lara Filho, Silva e Freire (2011), a esse respeito, afirmam que os instrumentistas mais experientes chegam a fazer comentários, brincadeiras, cobranças e críticas quando um participante está comprometendo demais a execução da música. Pereira (2019, p. 104) traz uma fala do coordenador da roda de Choro didática analisada onde ele levanta a possibilidade disso ocorrer “porque a velha guarda aprendeu dessa forma, ‘levando muito sopapo nas rodas de choro que eles frequentavam’. Logo, ‘eles não fazem isso por maldade [...], é uma reprodução [...], uma forma de transmitir o conhecimento”.

A solução para isso foi “didatizar” a roda (PEREIRA, 2019). Sobre isso, esclarece o autor:

Na teoria da transposição didática, o objeto de conhecimento ganha outra função ao mudar de contexto – ao sair de seu contexto original e inserir-se na escola –, devendo estar a serviço da ampliação do conhecimento dos alunos (VIEIRA-SILVA, 2013: 11799). Na roda didática, contudo, o conhecimento não é retirado de seu contexto original: a roda de choro. É o contexto original que se transforma num laboratório de prática e de aprendizado. Esse contexto não perde sua função original, mas agrega para si outra função: a de potencializar um aprendizado que já ocorre naturalmente nas rodas de choro.

Para tal, e tentando atingir os objetivos de gerar bem-estar nos participantes e promover igualdade entre eles, no primeiro dia do projeto – e repetido de tempos em tempos

– o coordenador faz uma fala metafórica. Diz ele que a roda deve ser encarada como uma “pelada” de futebol entre amigos. Disse o coordenador:

*Se isso aqui [roda de Choro] fosse uma partida de futebol entre amigos, nós iríamos nos esforçar para jogar bem e ganhar o jogo. Mas faríamos isso porque isso faz com que possamos nos divertir. Se, por um acaso, não jogarmos bem – dermos uma “furada de bola”, ou “tomarmos um frango” – nós iremos rir e brincar com a situação. Aqui é igual: se esforçar para tocar bem deve ser algo prazeroso, um objetivo a ser alcançado. Caso atingido, ótimo. Caso não, tudo bem, mas é importante que tentem, que não se acanhem pois, do contrário, nunca conseguirão. Em outras palavras, quero que este seja um ambiente de acolhimento, em que vocês se sintam seguros para vir, tocar e aprender – e, neste processo, se divertir!*

Após esta fala, muitos participantes relataram que se sentiram confiantes para participar, além de se sentirem acolhidos na roda. Um professor de engenharia da Universidade afirmou que a roda “era um dos principais momentos” de sua semana, responsável por trazer alívio mental diante da rotina desgastante em que o curso de engenharia o colocava. Outro participante, membro da comunidade externa, relatou que “já estava conseguindo tocar quase todas as músicas”, e que isso não ocorria no começo de sua participação. Segundo ele, isso ocorria porque ele se sentia seguro para tentar executar as músicas nas rodas, gerando aprendizado e o motivando a estudar em casa.

Após um ano de projeto, podemos afirmar que os participantes que tocam não aparentam estar tensos em sua execução musical. Ao contrário, criou-se um ambiente de companheirismo, de amizade mesmo, onde há brincadeiras, conversas, trocas e, claro, Choro.

## **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**

Além de tudo o que já foi relatado, ressalta-se ainda a possibilidade do projeto garantir a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, especialmente com impacto na formação da comunidade universitária e na geração de novo conhecimento por meio de pesquisas. No momento, duas estão sendo realizadas. Uma, em caráter de Iniciação Científica, é realizada por um estudante de engenharia de Produção da Universidade, participante do projeto como cavaquinista, e buscará averiguar as possibilidades que a metodologia de Design Thinking permite para aprofundar a compreensão das necessidades dos participantes e do

público-alvo do projeto, além de desenvolver soluções criativas e implementá-las de forma eficaz.

A outra pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto será realizada por um doutorando em Educação da Universidade, participante da roda como violonista de 7 cordas, para uma das disciplinas que está cursando no doutorado, intitulada Práticas Sociais e Processos Educativos. O objetivo do trabalho é descrever e analisar práticas sociais no âmbito dos encontros semanais do Projeto Roda de Choro da UFSCar. Os dados serão coletados por meio de observações participantes e entrevistas semiestruturadas junto aos participantes.

## **Impacto do projeto**

Por fim, gostaria de descrever um acontecimento que demonstra o impacto do projeto. Em uma determinada quarta-feira, dia de roda, o coordenador não poderia estar presente e, assim, propôs o cancelamento da roda naquela data. Os participantes, então, espontaneamente se organizaram e realizaram a roda por si, em um bar da cidade. Praticamente todos e todas as integrantes participaram, com exceção do coordenador, e a roda foi um sucesso. Isso demonstra o significado, sentido e importância que o projeto tomou na vida dos participantes.

Nesse sentido, nas trocas de mensagens no grupo de *whatsapp*, criou-se uma “piada interna”. Costumeiramente, quando alguém posta alguma foto ou anúncio de roda ou show, ou propõe uma reflexão sobre o choro e as rodas, em algum momento alguém responde com “viva o choro!”. Isso demonstra o valor pessoal e cultural que o Choro tem ganhado para os participantes, por meio de seu compromisso pessoal com este gênero musical.

## **Considerações Finais**

Por tudo o que foi exposto neste texto, consideramos que o Projeto Roda de Choro da UFSCar é uma importante ação que propicia a professores, técnicos, estudantes e membros externos uma visão da universidade como um espaço agradável de cultura, de trabalho em equipe e que promove respeito e compreensão do outro. Além dos ganhos culturais e musicais, o impacto social possibilitado pelo projeto é tremendo, pois promove uma ação

transformadora sobre os problemas sociais existentes dentro da universidade, ao aproximar pessoas que não convivem em seu dia-a-dia, promovendo ações onde precisam trabalhar (tocar, produzir música) em conjunto.

Esta aproximação é sentida nas interações na roda e nas trocas de mensagens no grupo de *whatsapp*. Ressalta-se também que diversos músicos da cidade e região quiseram fazer parte desse grupo e, lá, participam das discussões sobre Choro e promovem outras rodas e apresentações realizadas. Assim, criou-se uma verdadeira comunidade, onde o Choro, mais do que nunca, permanece vivo, no sentido de estar sendo vivenciado culturalmente.

Assim, finalizamos este texto sinalizando a importância dos projetos que oferecem possibilidades de ensino de música em outros contextos educativos como, por exemplo, Rodas de Choro, patrimônio imaterial Brasileiro, para universidades e, especialmente, cursos de graduação em Música – bacharelados e licenciaturas. Viva o Choro!

## Referências

FIORUSSI, Eduardo. *Roda de choro: processos educativos na convivência entre músicos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: PPGE, UFSCar, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2632/4550.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jul. 2024.

IPHAN. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf). Acesso em: 22 jul. 2024.

IPHAN. *Choro é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil*. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/choro-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 22 jul. 2024.

LARA FILHO, Ivaldo Gadelha de; SILVA, Gabriela Tunes da; FREIRE, Ricardo Dourado. Análise do contexto da Roda de Choro com base no conceito de ordem musical e John Blacking. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 23, p.148-161, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pm/n23/n23a16.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PEREIRA, Marcus Vinícius M. “Mão na Roda”: uma roda de choro didática. *OPUS*, v.25, n.2, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2019b2505/pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

SANDRONI, Carlos. “Uma roda de choro concentrada”: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 9., 2000, Belém. *Anais [...]*. Belém: UFPA, 2000. p. 19-26. Disponível em: [https://www.academia.edu/8288462/Uma\\_roda\\_de\\_choro\\_concentrada](https://www.academia.edu/8288462/Uma_roda_de_choro_concentrada). Acesso em: 22 jul. 2024.

VEBER, Andréia; CLISSIANE, Aline. O Gênero Choro no ensino de música: oficinas e roda de choro como espaço de ensino e aprendizagem musical. In: XVI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, 16., 2014, Blumenau. *Anais [...]*. Londrina: Abem, 2014. p. 1-10. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/59948003/o-genero-choro-no-ensino-da-musica>. Acesso em: 22 jul. 2024.

WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 39-48, set. 2005. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/323/253>. Acesso em: 22 jul. 2024.